



Capoeira mineira brasileira: uma introdução aos fundamentos históricos da capoeiragem – Prefacio

Palhares, Leandro Ribeiro

O livro produzido por Leandro Palhares por meio de Projeto de Extensão desenvolvido na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, como professor no Curso de Educação Física, é um exemplo de trabalho dedicado ao reconhecimento da Capoeira como uma prática cultural de matriz africana que emergiu no Brasil, nos tempos coloniais, utilizada como instrumento de luta e resistência contra o escravismo e a colonização, levando em consideração seu valor histórico, político, estético, educativo, social, e filosófico. A versão adotada pelo autor, que também é capoeirista, assume uma postura descolonial ao colocar em evidência a história construída pelos seus personagens, na maioria negros e pardos, os quais enfrentaram com valentia e audácia o poder hegemônico colonial e pós-colonial, através da sabedoria, malícia e estratégias políticas aprendidas com seus ancestrais de diferentes matrizes africanas.

Um saber afrodescendente aprendido através do corpo e da oralidade representado na expressão da corpo-oralidade, ou seja, um modo articulado de compreender a vida que é distinto, e até oposto, ao padrão colonial eurocêntrico marcado pela divisão entre corpo e mente, natureza e cultura, sagrado e profano, subjetivo e objetivo, dentre outras características que legitimaram a escravidão, o machismo, o racismo e a depredação da natureza e das culturas humanas diferenciadas do modelo europeu. A perspectiva da corpo-oralidade presente nas matrizes africanas integra corpo, mente, cultura, natureza, luta, ancestralidade, espiritualidade e outras dimensões em suas manifestações, de um modo articulado e complexo diferente da visão colonial que fragmenta a diversidade da vida. Nesse sentido, o eurocentrismo propagou um quadro devastador e mortal que devastou aldeias, matas e rios, de forma brutal.

Sendo assim, a Capoeira representa um marco histórico de uma prática cultural e política que se posicionou contra essa violência praticada contra povos que não pertenciam à tradição europeia. O discurso colonial inventou uma concepção de negro e de índio que os associou à ideia de seres primitivos, sem alma, sem racionalidade, pecadores, perigosos e outros estigmas terríveis; e em oposição criou o branco como um ser superior dotado de razão, nobreza, disciplina, limpeza, e

representante da ordem. Essa ilusão eurocêntrica criou divisões entre culturas que, até hoje, produz genocídio em diferentes partes do planeta. O trabalho do Leandro Palhares apresenta uma versão oposta ao demonstrar que a Capoeira apresenta racionalidade, disciplina, organização e postura política, não sendo praticada por seres passivos que se submeteram à colonização.

Todavia, a criminalização e proibição da prática da Capoeira e demais manifestações de matriz africana (como o Candomblé e o Samba), principalmente no final do século XIX e início do século XX, num período em que o modelo urbano-industrial começava a impor um novo modo de exploração da força de trabalho, se tornou mais um obstáculo que foi enfrentado pelos capoeiras no período republicano. Essas passagens são retratadas no livro, e, mais uma vez, o autor ressalta como a sabedoria da capoeiragem soube jogar com as instâncias de poder que se sentiam ameaçadas pelo movimento social que mais estremeceu as forças militares e as elites dominantes daquela época. Os capoeiras eram assediados por políticos e pessoas da riqueza para negociar suas reivindicações. Alguns eram convidados para ser chefes de polícia, capangas, e líderes de territórios, outros foram premiados e reconhecidos pelo seu respeito comunitário. Entretanto, a capoeiragem jogava com a ambiguidade do sistema, simulando estar dentro da lógica dominante, mas inteligentemente conquistava espaços para a legitimação da sua cultura e do seu povo.

O período do governo de Getúlio Vargas, mencionado no livro, ilustra bem esse modo capoeístico de agir com malemolência frente a regimes belicosos que tentam impor uma forma austera de governança. A descriminalização da Capoeira pelo presidente Vargas, foi mais um exemplo histórico da força política da Capoeira, mesmo diante da imposição que sua prática fosse realizada em recintos fechados para retirá-la das ruas, praças e terreiros, os capoeiristas não perderam sua tradição ancestral, e nem mesmo a Capoeira de Rua foi totalmente extinta. Diante dessas imposições, Mestre Bimba criou a Capoeira Regional, e Mestre Pastinha organizou os princípios ancestrais por meio da Capoeira Angola, em homenagem à sua principal matriz, e se tornaram verdadeiros ícones desse período histórico. O uso de uniforme adotado por esses Mestres não sucumbiu os rituais, a mandinga, a tradição, a musicalidade, a malícia, dentre outros elementos da capoeiragem. Por outro lado, alguns capoeiras resistiram a esse padrão nacionalista que tentou esportivizar a capoeira, divulgando seu trabalho nas ruas, praças, terreiros, e quintais, mesmo diante da repressão policial.

Nesse ponto, é preciso destacar que a matriz africana (como também indígena) se organiza pela circularidade e a matriz europeia pela linearidade. A pedagogia africana é circular e a pedagogia colonial é quadrada. A tentativa de enquadrar a Capoeira em recintos quadrados e controlados fez parte da estratégia dominante de abolir a tradição comunitária e circular expressa em rodas de Capoeira, Samba, Batuque, Candombe, Candomblé e outras manifestações. Todavia, se

fez um círculo dentro do quadrado e a volta ao mundo circulou novamente nas rodas de Capoeira tanto nas academias e escolas quanto em universidades. Isso mostra uma pedagogia africana oculta na prática da Capoeira, a qual os capoeiristas e pesquisadores da educação popular necessitam prestar mais atenção, pois propõe uma prática descolonizadora diante da linearidade da pedagogia europeia. Em termos históricos, o livro de Leandro Palhares apresenta personagens da Capoeira que foram importantíssimos na história brasileira, mas que muitas vezes ficaram no anonimato devido à dominação fundada num modelo que exalta os heróis coloniais, de maioria branca e que associa os heróis populares a malfeitores, criminosos e desordeiros por contrariarem a ordem vigente. No período colonial, destaca-se Zumbi, o Rei dos Palmares, o qual "venceu mais batalhas do que qualquer general da história brasileira", conforme comentários do autor desse livro. No entanto, pouco se fala ou se estuda sobre esse ícone da resistência negra e outros personagens históricos da luta contra o escravismo. Qual modelo de sociedade ou comunidade os Quilombos propunham? Como os quilombolas organizavam suas lutas? Muito do que aprendemos acerca dos movimentos sociais se fundamenta no modelo eurocêntrico, como as lutas sindicais, as quais são importantes, mas não incluem elementos de luta oriundos de matriz afrodescendente e indígena, que compõem nossa cultura. Cabe ressaltar que vários personagens compuseram essa história, sendo que alguns estão citados no livro por meio de façanhas praticadas por Besouro, Manduca da Praia, Nascimento Grande, Bimba, Pastinha, os quais fizeram seus movimentos no Rio de Janeiro, Salvador e Recife e foram precursores de linhagens de capoeiras que se espalharam pelo país e pelo mundo. Quanto a Minas Gerais, ressalta-se o famoso Pedro Mineiro que migrou para Salvador e se tornou uma grande referência no início do século XX, sendo reverenciado em cantigas de Capoeira até nossos dias. Obviamente, que o livro não contempla todos os personagens devido aos limites de um trabalho acadêmico que se esforçou preciosamente para colocar em evidência um saber quase invisível para a maioria dos brasileiros, como também para quem pratica a capoeiragem, tendo em vista a escassez de produção nesse campo. Essa observação também procede para a história da Capoeira de Minas Gerais que ainda necessita ser mais pesquisada e historicizada, não apenas em Belo Horizonte, mas em outros centros urbanos. Entretanto, a história mineira apresentada no livro, o qual elegeu a capital mineira como referência, reflete muito a história brasileira da Capoeira, pois se iniciou de forma marginal e incipiente, sem a presença de Mestres consagrados, e foi constituída pelo esforço e encantamento de alguns capoeiristas que viajaram pelo país em busca de aprimoramento e ensinamentos que eram compartilhados em terreiros e quintais quando retornavam à terra natal. Nesse sentido, a capoeira belorizontina se estabeleceu como um mosaico que integrou movimentos da Capoeira Regional, Capoeira

Angola e da Capoeira de Rua, articulando estilos do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador.

Fui discípulo do Mestre Toninho Cavalieri, citado no livro, no final do ano de 1971, e pude presenciar esse momento quando Cavalieri nos treinava sem a presença do berimbau, integrando malandragem de rua e Capoeira. Na verdade, Mestre Toninho estava nos ensinando a Pernada Carioca, um jogo praticado nas ruas, praças, e praias pela velha guarda do Rio de Janeiro. Posteriormente, foi introduzido o uso do berimbau e demais instrumentos nas rodas do Mestre, como nas rodas que aconteciam no município de Sabará, no Bairro Nações Unidas. Os primeiros discípulos de Toninho, do final da década de 1960, buscaram intercâmbio com São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador e constituíram estilos distintos. Em Belo Horizonte, passaram capoeiristas fantásticos oriundos dessas matrizes, alguns provisoriamente e outros se instalaram na cidade. Como relata o livro, eram migrantes em busca de trabalho e sobrevivência, seja pela própria Capoeira ou alguma outra profissão. Nesse percurso, fui aluno também do Mestre Explosivo, formado por Bimba, que viveu na capital mineira durante oito anos. Além disso, pude treinar de forma compartilhada com Mestre Dunga, também mencionado no livro, no seu terreiro e no quartel, quando ele era soldado do Exército Brasileiro. Naquela época, era difícil encontrar um parceiro para se treinar e intercambiar conhecimentos da Capoeira perante o preconceito social e da falta de espaços e de apoio governamental. Para superar essas dificuldades os capoeiras da década de 1970 se encontravam nos quintais, garagens, terreiros e matas para o exercício da capoeiragem. Pude compartilhar treinos históricos com vários personagens desse período como Brucutu, Bebinha, Chocolate, Escovão, Borracha, Negão, Farofa, Carneiro e, posteriormente, Véio, Malandrinho, Licinho, Negãozão, Primo, João Angoleiro, Jailton e Tigrê. Fiz parte também das rodas da Feira Hippie, inaugurada por Mestre Paulão, que em seguida foi assumida pelos Capoeiras de Rua, como também ajudei a fundar a famosa Roda da Praça Sete. Nessa época, Mestre Mão Branca, citado no livro, também transitou por essas rodas. A leitura do livro me remeteu para uma reflexão histórica importante que contribuiu para apurar meu olhar numa perspectiva descolonial, que reconhece o significado político e estético da Capoeira sem ocultar sua ancestralidade, tradições e oralidade. Espero que esse trabalho desperte novas produções, pesquisas e publicações. Necessitamos retirar a Capoeira da invisibilidade social e difundir seu saber fundado na matriz africana e sua forma de resistência para além da espetacularização imposta pelo mercado globalizado do mundo atual. Como pesquisador e capoeirista, convido aos leitores e praticantes da Capoeira a compor esse movimento que se fundamenta numa pedagogia circular e comunitária, a qual nos trará uma visão que rompa com os pressupostos coloniais do eurocentrismo.